

Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções

Denise Bernuzzi de Sant'Anna*

Resumo :

Este artigo discute as relações entre tecnologia e cultura a partir de exemplos vindos de diferentes modalidades esportivas. Tendo em vista a transformação histórica das noções de recorde e de fracasso, assim como as modificações culturais das regras e dos valores ligados ao espetáculo esportivo e à cultura física, pretende-se perceber a emergência de sensibilidades inusitadas em meio à expansão da indústria do esporte, seus significados e suas implicações sociais.

Abstract :

Máscaras com aspecto futurista, roupas confeccionadas com tecidos inteligentes, calçados que controlam impactos, chips colocados junto à pele... os esportistas da atualidade estão amplamente comprometidos com as últimas invenções da tecnociência. Seus corpos não funcionam unicamente como um lugar de encontro de tecnologias diversas, mas, principalmente, como um terreno de experiências científicas e investimentos industriais, incluindo aqueles dos setores alimentar e farmacêutico. Impossível pensar os atletas contemporâneos sem reconhecer o quanto seus corpos estão "hibridizados" a produtos e tecnologias de ponta, não apenas no momento de sua apresentação midiática mas, também, no cotidiano dos treinos, dentro de clubes e reservas ambientais.

Na verdade, as audácia humanas vividas no esporte são, também, e principalmente, audácia experimentadas na condução de máquinas e de aparelhos, cujo funcionamento pede a atenção e o aprendizado constantes dos esportistas e de suas equipes. Como se, ao ganhar uma competição, ganhasse com o esportista um conjunto diversificado de indústrias e de profissionais, que nele investem e dele esperam obter lucros, por vezes exorbitantes.

O que não significa que os atuais "deuses do estádio" sejam totalmente previsíveis, ou que o problema da técnica seja apenas técnico e industrial. Ao contrário, a previsibilidade é sempre uma busca enquanto que a técnica é um problema ao mesmo tempo social, ético e político. Assim, as grandes revoluções técnicas contribuíram constantemente para modificar os métodos esportivos tanto quanto as noções de recorde e de fracasso. O recorde exigido numa corrida de automóveis em 1908, por exemplo, era bem diferente daquele que será esperado das corridas posteriores à segunda grande guerra. Foi em 1908, aliás, que Sílvio Alvares Penteado venceu o Circuito de Itapecerica - primeira corrida de automóveis e motocicletas da América do Sul – com o recorde de cinquenta quilômetros. Em seu moderno Fiat, Penteado se tornou uma espécie de modelo à vida acelerada daqueles tempos ainda pouco afeitos à presença de automóveis nas ruas da cidade.

Cada época e cada cultura possuem não apenas seus heróis mas, também, seus padrões de beleza, de eficácia e suas tecnologias de ponta. Assim, na época de Penteado, a tecnologia de ponta ainda não havia sido totalmente acoplada aos valores do aerodinamismo, enquanto este, por sua vez, pouco conseguia modelar corpos e costumes: no lugar das posturas aerodinâmicas, que hoje caracterizam, com frequência, os corpos de ciclistas e de alguns automobilistas, era mais comum encontrar a posição ereta do tronco: curvá-lo ainda era um gesto carregado de sentido negativo, lembrava a subserviência dos homens pobres e desclassificados, opunha-se às ambições de distinção social e de poder. Não por acaso, a posição de cocheiros, ciclistas e automobilistas resistia com garbo e força aos apelos dos novos charmes aerodinâmicos. Foi somente aos poucos que o aerodinamismo conquistou os condutores de bicicleta e outros veículos, os convencendo a curvarem o tronco para facilitar o aumento de velocidade. O que demonstra o quanto os valores culturais de cada época nem sempre se submetem, passivamente, às inovações técnicas.

Já na década de 1920, porém, o valor das formas aerodinâmicas aparece em inúmeros aspectos da vida cotidiana dos grandes centros urbanos, penetrando, principalmente, nos meios juvenis abastados e neles delineando maneiras de se vestir e de se portar. Com a positividade adquirida pelo aerodinamismo, há uma modificação profunda nas formas dos corpos, das máquinas e dos instrumentos esportivos: silhuetas alongadas, roupas ajustadas a padrões longilíneos, automóveis em formas tubulares combinavam, naqueles anos, com a aceleração da economia industrial e da vida urbana, com a emergência dos novos lazeres promotores do "*sportman*" e do combate a tudo que

* Professora de História da PUC-SP.

pudesse parecer "perda de tempo". Não por acaso, a influência do modo de vida americano começava, antes mesmo da década de 1950, a substituir padrões franceses de elegância e normas de beleza inspiradas nos padrões europeus.

A velocidade desejada vai rimar, mais do que nunca, com a procura da leveza: é naquela época, também, que os corpos foram chamados ao emagrecimento e ao uso de produtos com pouco peso. A publicidade em desenvolvimento no país enaltecia, incessantemente, as vantagens dos xaropes e das águas digestivas, das estações de cura, dos vestidos de seda, dos penteados pouco complicados e dos comportamentos avessos a tudo o que pudesse lembrar falta de movimento ou a sua lentidão.

Contudo, na época de Penteado, e mesmo durante a década de 1920, a relação entre o esportista e a tecnologia não passava, ainda, pelo uso de máquinas eletrônicas; além disso, cada performance apresentada precisava ser vista no espaço geográfico dos acontecimentos reais, pois, antes do rádio e da televisão, era impossívelvê-las longe dos estádios, ruas e locais nos quais os esportistas realizavam seus feitos.

Mas, atualmente, um mesmo campeonato acontece visualmente inúmeras vezes e de várias maneiras. A televisão, por exemplo, contribuiu para criar uma noção de espetáculo esportivo até então inexistente: imagens em câmera lenta, em *zoom*, cenas captando partes específicas do corpo humano em movimento, assim como pontos de vista diferentes filmados graças à presença de câmeras em vários locais de um mesmo espaço geográfico... todos estes recursos confirmam, diariamente, o quanto a evolução técnica não está somente nos materiais e instrumentos utilizados por cada atleta, mas, igualmente, naqueles que o transformam num espetáculo: trata-se, portanto, de uma mudança técnica mas, também, de transformações profundas nas maneiras de criar, avaliar, ver e reproduzir o espetáculo esportivo. Trata-se, principalmente, da emergência histórica de novas tecnologias e, igualmente, de corpos e sensibilidades inusitadas. Eles modificam os recordes tanto quanto as formas de perceber os espetáculos e os atletas.

Assim, diante de um campeão de natação do presente, por exemplo, seus antecessores tendem a ganhar aspectos prosaicos: como se, diante dos nadadores de nossos dias, as técnicas e percepções do passado se tornassem brutalmente obsoletas. É sobre alguns aspectos desta distância que separa técnicas, corpos e sensibilidades de hoje e aqueles de outras épocas que trataremos a seguir. Não pretendemos realizar no espaço deste artigo um amplo e aprofundado percurso histórico a este respeito, mas, muito mais, abordar alguns exemplos vindos de competições esportivas diversas para, através de seus valores e modos de apresentação, perceber o quanto os atletas, recordes e espetáculos esportivos de hoje são inovadores e singulares, do mesmo modo que eles são o prolongamento, por vezes surpreendente, de sonhos e receios há muito conhecidos e insuperáveis.

1. Do antigo sonho de escapar da matéria ao novo anseio de virtualizá-la

Na cultura ocidental, a resistência ao peso do corpo é antiga. Escapar da materialidade carnal, livrar-se dos "incômodos" da fisiologia, são sonhos que participam de receios humanos ancestrais. Este antigo desejo não cessa, contudo, de ser atualizado em diversos campos da ação humana, inclusive naquele dos esportes. Na medida em que o esporte foi utilizado como um excelente argumento terapêutico, por exemplo, podendo gerar mais saúde e bem-estar a quem o pratica, sua busca tende a ser, ao mesmo tempo, uma procura pela renovação do corpo e pelo prolongamento do tempo de vida. No lugar de se livrar do corpo, trata-se, portanto, de garantí-lo saudável. Ao invés de escapar da matéria, procura-se prolongar o seu tempo de vida, controlar suas desordens internas, corrigi-las e, sobretudo, evitá-las.

Mas, no decorrer da segunda metade do século XX, surgiram possibilidades técnicas e científicas inovadoras para a correção da materialidade fisiológica, e, principalmente dos gestos esportivos; um exemplo a este respeito está na atual possibilidade de análise da fisiologia e dos movimentos esportivos graças ao uso de tecnologias digitais. Desde os anos 60, com a utilização do vídeo e, em particular, do *feedback*, a correção dos gestos esportivos ganha novas oportunidades de expansão. Sabe-se que hoje, por exemplo, a tecnologia de ponta se manifesta não apenas nos acessórios e roupas mas, também, nas instalações esportivas e nos novos materiais, tais como as fibras de vidro, carbono, polyester, constituintes de vários equipamentos e instrumentos esportivos. Mas, ela se manifesta, também, na proliferação incessante das imagens do movimento esportivo e na virtualização do corpo real. Pois, com o casamento entre a informática e o vídeo foi possível aos esportistas e à sua equipe, filmar e ver, várias vezes, um mesmo gesto esportivo, ampliando, portanto, a possibilidade de melhorar a performance de cada um, mas criando, ao mesmo tempo, uma ação sobre o corpo feito de luz (imagem) que terá resultados imediatos sobre o corpo real.

Além disso, com o uso de chips junto à pele e o acúmulo de tecnologias destinadas a prolongar e a aperfeiçoar as funções orgânicas, o esportista pode prolongar o seu corpo rumo a um corpo artificial o qual, progressivamente, lhe parecerá familiar e natural. Não se trata da virtualização absoluta do corpo humano mas, muito mais, da humanização de um conjunto de técnicas as quais, uma vez corporificadas, passam a funcionar como partes do corpo esportivo, superando uma suposta oposição entre natureza e cultura, e tornando o corpo virtual um "corpo

de ensaios" para a ação sobre o corpo real.

Ao longo da história, cada nova tecnologia contribui, a sua maneira, para modificar a percepção sobre os corpos assim como os seus gestos. Com a transformação de várias modalidades esportivas em espetáculos monitorizados e sustentados por uma vasta gama e empresas, os problemas imprevisíveis que um organismo ameaça apresentar no momento de uma escalada, por exemplo, podem ser controlados, monitorizados ou mesmo minimizados e evitados, graças ao uso de inúmeros componenentes técnicos e químicos, incluindo aqueles da alimentação e da vestimenta. O corpo orgânico tende, portanto, a ser mesclado e submetido à ação de um vasto *corpo tecnocientífico* que serve para garantir a melhoria constante de cada performance esportiva.

Para tanto, o aperfeiçoamento técnico dos instrumentos relacionados à precisão dos gestos foi essencial. Em particular, a evolução dos cronômetros. É certo que o olho humano foi o primeiro "instrumento" utilizado para captar informações sobre a duração e a qualidade de uma determinada performance. Mas, desde o século XVIII, quando o inglês George Graham, considerado o pai do cronômetro, fabricou o primeiro relógio com dois sistemas horários independentes (um para o registro das horas, outro para aquele dos tempos curtos, tais como os minutos e segundos), a mensuração do tempo e sua combinação com a medida da performance esportiva conquistou um lugar de destaque no mundo das ciências e das técnicas. No final do século XIX, os primeiros cronômetros automáticos foram fabricados e não demorará muito para que os cronômetros sejam acoplados à câmeras fotográficas.

Se a evolução dos cronômetros é solidária ao aumento da acuidade visual, tático e sonora, ela também não poderia ocorrer sem o desenvolvimento de uma nova semiologia do espaço esportivo. Em lugares considerados selvagens ou naqueles domesticados e totalmente conhecidos, os esportistas são chamados à realização de verdadeiras análises de informações variadas relacionadas a seu próprio corpo e ao espaço externo: informações sobre o clima, incluindo a luminosidade, a intensidade do vento, a temperatura do meio ambiente, a pressão atmosférica, e, ao mesmo tempo, informações pormenorizadas sobre o seu ritmo cardíaco, sua capacidade respiratória, sua pressão arterial, etc, devem, portanto ser captadas e interpretadas com uma precisão e uma constância cada vez maiores. Os novos "deuses" dos estádios e da natureza são radicais não apenas ao ampliar as fronteiras de seus records, ou ao dilatar as noções de risco, mas, também, quando se tornam, eles mesmos, deuses da captação e da interpretação absolutas de informações sobre "o que se passa", segundo por segundo, dentro e fora de seus corpos, e ainda, o que se passa com cada equipamento utilizado. O cronômetro, o relógio, o visor, os registros obtidos por computadores e pela ação de inúmeras câmeras fornecem ao esportista imagens e informações diversificadas sobre o seu corpo e o meio ambiente; à medida que o fazem, uma espécie de corpo virtual e técnico do esportista ganha uma importância inusitada, confunde-se com o seu próprio corpo, ampliando-o e transformando captores, cintos, cronômetros, óculos e muitos outros equipamentos especializados do esporte em extensões de seus membros, de sua pele, de seus órgãos e de seus modos de sentir e de pensar.

2. Do antigo ideal da força ao novo charme da flexibilidade

O ideal da força encontra-se na raiz das competições esportivas do passado e do presente. Sua conquista foi, em muitas culturas, exposta nas aparências consideradas robustas e num certo hiperbolismo das formas corporais. Contudo, os charmes do corpo flexível, que durante décadas esteve mais associado à graça feminina do que à força masculina, foram amplamente reconhecidos com o advento dos esportes californianos. A partir deles, a flexibilidade, no lugar de obliterar o antigo ideal da força, o renovou.

Existem esportes nos quais dominam a força, principalmente no levantamento ou arremesso de pesos, assim como aqueles em que predomina a graça e a estética das formas. Mas é possível buscar uma combinação de todos esses níveis de experiência, e, ainda, reconhecer a importância da motricidade e da flexibilidade dos movimentos. Nesse caso, a antiga oposição entre força e graça, presente em diversos momentos da história ocidental, dividindo sexos e provocando separações entre espaços e atividades, tende a ser relativizada, tal como aquela entre forma e função. Os esportes californianos, por exemplo, que se expandem em várias partes do mundo a partir dos anos 70, têm por objetivo menos o cansaço salutar – característico dos antigos esportes comprometidos com os ideais higienistas de salvação de uma raça – do que a vivência de sensações de prazer, físicas e mentais, imediatas e inovadoras. O surf, a asa delta, o wind-surf, por exemplo, conduzem o olhar do esportista menos em direção à força realizada por seus músculos do que às flexibilidades motoras que ele é capaz de manter sob controle. De onde se explica, nessas atividades, o emprego de verbos que evocam o prolongamento de sensações de prazer e de controle do conjunto dos movimentos, tais como voar, escorregar, equilibrar.

Contudo, é somente à primeira vista que os esportistas destes esportes são mais despojados tecnicamente do que aqueles que, em espaços fechados e artificiais, realizam as suas performances e lidam com a sustentação de pesos. É justamente no aparente despojamento do corpo de um surfista, por exemplo, que se concentra um conjunto de mediações técnicas extremamente precisas e desenvolvidas. Aqui, os elementos naturais, tais como o vento e a

água, são chamados a se manterem em sintonia com o funcionamento dos instrumentos esportivos: a performance depende da boa conjugação entre natureza e tecnologia, tal como ocorre em outras modalidades do esporte, mas, bastante evidente naquelas que contam com uma gestão minuciosa dos espaços considerados naturais e selvagens.

Desse modo, o espaço da aventura, assim como as sensações limites e desconhecidas, se tornam experiências possíveis na medida em que são bem administradas tecnologicamente, supondo que cada esportista se mantenha não somente equipado mas, igualmente, atualizado sobre as potencialidades dos novos equipamentos. Em certos casos, o gosto de enfrentar o outro – como no boxe, por exemplo – é substituído pelo prazer de enfrentar (e, ao mesmo tempo, de estar com) a natureza. Equipado tecnicamente para tanto, prefere-se investir mais numa flexibilidade física atenta aos gestos de equilíbrio do que no acúmulo de forças para o levantamento de algum peso: o corpo é menos suporte de um gesto do que a sua expressão.

Não que em atividades como o boxe se desconheça a estetização dos gestos e a flexibilidade dos membros. A flexibilidade é fundamental nos mais diferentes esportes mas a sua valorização pode variar assim como os seus significados e funções estéticas. Para um surfista, a flexibilidade corporal deve se compor com aquela que ele percebe a cada instante na relação com o mar, a prancha, o ar, etc. A conjugação dos movimentos à força e à flexibilidade é uma arte que cada modalidade esportiva se encarrega de estimular de maneiras diferentes. Mas, é certo, também, que, na cultura ocidental posterior à segunda grande guerra, o valor da flexibilidade deixou, em parte, de ser uma atitude evocando somente feminilidade. Ser flexível no trabalho, ou na adoção de comportamentos sexuais e familiares, assim como expressar uma certa flexibilidade de idéias não denota, necessariamente, uma fraqueza de caráter. Ao contrário, flexibilidade e mobilidade, leveza e estetização das formas tendem a ser considerados, dentro e fora do esporte, signos de saúde, refinamento e modernidade social.

3. Da aventura e do risco: um corpo mais seguro e mais incerto

O esporte é sempre plural: há inúmeras modalidades esportivas, cada qual com sua história, representando valores e funções sociais diferentes. Há esportes coletivos e individuais, esportes que em sua origem abrigavam classes populares e grupos de trabalhadores camponeses, assim como existem os esportes filhos do desenvolvimento urbano e industrial. Há, ainda, na história de cada modalidade esportiva, modificações culturais e técnicas que dão origem a gestos inusitados, a regras e a exigências de medidas inovadoras. Pois o esporte não é um campo de atividades e de técnicas separado de receios e desejos sociais mais amplos: cada atividade esportiva é, frequentemente, um corpo simbólico heterogêneo, capaz de exprimir e absorver os fantasmas, receios, desejos e limites de cada sociedade na qual ela se desenvolve.

Por conseguinte, examinar o esporte, nas suas formas insólitas ou clássicas, implica penetrar na compreensão das expectativas e dos fascínios de uma determinada cultura. Na época atual, um desses fascínios se encontra depositado nas experiências limites, ou nas práticas de alto risco. Esta tendência é paralela à crescente valorização atribuída à aventura e ao risco no decorrer do século XX. Nesta época, a aventura deixou de ser uma experiência incomum – de alguns jovens abastados e extravagantes - para atingir o ordinário cotidiano de homens e mulheres de várias classes sociais e idades. Como escreveu Pociello, a aventura foi comercializada, banalizada e "esportivizada"¹. Poderíamos até mesmo dizer que ela se transformou numa mercadoria de grande liquidez, ou seja, numa *commodity*.

No cinema, na televisão e no cotidiano de inúmeras pessoas, a aventura aparece como uma boa aliada das experiências arriscadas e da possibilidade de "viver sempre mais". E, por vezes, o risco tende a substituir a prudência: é quando, nos esportes, no mundo das finanças e das atividades de lazer, o risco se torna uma figura de grande charme, extremamente necessária para adquirir poder, sucesso e alegria.

Mas, ao mesmo tempo em que as experiências arriscadas integram os mais variados tipos de esporte, o desenvolvimento de um processo de domesticação das violências se acelera. Tal tendência alimenta diversos tipos de culto ao corpo e, especialmente, o culto do controle de si, dentro e fora do campo esportivo. Paradoxal é, contudo, a busca atual pela domesticação da violência, para a qual uma série de equipamentos de proteção e de segurança dos corpos não cessa de ser criada. Pois busca-se dominar a violência ao mesmo tempo em que se deseja confrontá-la, experimentá-la em estado bruto, desafiá-la como quem desafia a própria morte.

Na história do boxe, por exemplo, há uma progressiva domesticação da violência colocando no terreno do proibido as antigas lutas que duravam mais de cem horas, ou mesmo as competições desta modalidade que ainda não conheciam o uso de luvas – obrigatório, apenas, no final do século XIX. Contudo, a adoção de luvas, por exemplo, modifica sobremaneira as posturas e os gestos do boxeador, transformando a sua percepção em relação à rapidez e ao

¹ A respeito, ver Christian Porciello, "Un nouvel esprit de l'aventure", in *Experiencia*, no. 4, Paris, Seuil, 1987, pp.95-105.

impacto de cada golpe.

Se o século XX é a época em que uma intolerância cada vez maior ao sangue e aos ferimentos do esportista se faz presente, ela é, igualmente, aquela do desenvolvimento acelerado de uma panóplia de equipamentos destinados a aumentar a velocidade e a força dos golpes: melhor proteger o corpo e possibilitar uma intensificação dos riscos, pois o incremento dos instrumentos de segurança corporal e a majoração dos riscos são como os dois lados da mesma moeda. No século XIX, o hockey, por exemplo, não exigia dos seus praticantes essa verdadeira couraça de metal e de fibras sintéticas que hoje faz de cada jogador uma espécie de fortaleza. Munidos de uma verdadeira armadura moderna eles podem tanto aumentar o impacto de cada confronto, majorando, portanto, a violência da atividade, como garantir maior segurança e proteção. E quanto mais bem protegidos e munidos de tecnologia os esportistas se apresentam em suas performances, mais o espaço esportivo tende a se tornar específico, artificial, diferente do espaço natural das práticas de lazer do passado: clubes e quadras construídas em espaços fechados, pistas de corrida e mesmo muros para escaladas *indoor*, eram lugares pouco frequentes, ou mesmo inexistentes, nos séculos passados.

4. Explicar os movimentos

Desde 1870, quando os estudos de Marey demonstraram os "trajetos" de diferentes membros do corpo, abre-se a possibilidade de melhor estimar velocidades motoras e de ver aquilo que até então era inacessível à visão: a passagem de um gesto a outro, a duração de uma determinada ação física, a imagem de sua lógica até então invisível. O trabalho de Marey significa o começo de uma nova era de estudo e de conhecimento do corpo em movimento, justamente quando, sob o impulso da termodinâmica, a fisiologia humana é constantemente chamada a acelerar suas funções de produção e consumo de energia, por meio da eficácia de seus movimentos laboriosos.

Mas este é um momento importante, também, na longa e diversificada história da valorização do corpo em movimento. Pois, com os estudos de Demeny e de Marey, o discurso sobre o funcionamento científico dos gestos corporais ganha uma segurança e uma riqueza até então inexistentes. Não demorará muito para que a fotografia se aperfeiçoe e ganhe possibilidades novas de captar detalhes minuciosos do corpo em movimento em "momentos" surpreendentes e inusitados. O olhar também se modifica, pois na medida em que os aparelhos fotográficos evoluem, passam a exigir do olho humano novas precisões e maneiras originais de focalizar, por exemplo, as cenas esportivas. Por conseguinte, a percepção dos movimentos físicos não dependerá, somente, daquilo que é visto no momento da ação, mas da contemplação de suas imagens, captadas a partir de diferentes pontos de vista. Entre o corpo e a técnica é estabelecida, portanto, uma relação de troca de energias e de informações mediada, cada vez mais intensamente, pela presença de um terceiro tipo de elemento: trata-se do corpo imaterial das imagens. Explicá-lo torna-se uma necessidade banalizada, na ciência e fora dela.

A fabricação e a compreensão deste corpo imaterial é tão ou mais importante do que aquela dos corpos materiais. É ela que alimenta o mercado publicitário e faz o sucesso de inúmeras empresas de equipamentos e acessórios esportivos. A Nike, por exemplo, tem lucros exorbitantes fabricando imagens e conceitos, e, não apenas produtos reais. Os esportistas são, eles mesmos, veículos de muitas dessas imagens e conceitos cuja circulação internacional tem uma importância significativa para as economias de certos grupos ligados a clubes, indústrias de equipamentos esportivos, de alimentos, roupas, etc.

Todavia, por mais íntima que seja a relação entre o corpo e a técnica, é possível, ainda, vislumbrar certas distâncias entre eles. Pois não existe uma igualdade entre evolução cultural e evolução técnica. Muitas vezes, por exemplo, uma mudança nas sensibilidades humanas (um aumento da aversão à presença do sangue, ou uma diminuição da vontade de submeter-se à transcendência religiosa, ou ainda, a necessidade de evitar conflitos entre iguais) provoca transformações consideráveis nos gestos e nas técnicas do esporte. Ou seja, toda técnica esportiva é impensável fora do seu próprio domínio histórico e cultural, o que contraria, frontalmente, a crença a um "saber técnico absoluto", "autônomo" e "a-histórico". Aqui, no lugar de colocar a técnica como um *a priori* ou como um *a posteriori* do corpo, e vice-versa, pretende-se pensá-la a partir de sua historicidade, tal como têm sido pensados a cultura e o corpo. A transformação dos gestos e técnicas do futebol, do ski, da asa delta e de todas as modalidades esportivas não ocorre, portanto, sem as influências culturais de cada época e sociedade.

Por conseguinte, pode-se concluir, também, que, as modificações culturais não seguem, necessariamente, o mesmo compasso das evoluções tecnológicas. Pois entre o corpo e a técnica, não há somente relações harmoniosas e de acoplamento funcional, mas, também, tensões, disputas e diferenças, nem sempre visíveis ao primeiro olhar, nem sempre historicizadas e submetidas à análise etnográfica. Por isso, lembrar das sensibilidades culturais que em cada situação possibilitam a criação ou o abandono de cada técnica esportiva é uma maneira, entre outras, de perceber que toda a sedução exercida pelo esporte tem razões muito mais complexas do que pode explicar a sua insistente publicidade internacional.

Bibliografia:

- Bourdieu, Pierre. "Comment peut-on être sportif?"" in *Questions de sociologie*, Paris, Minuit, 1984, pp. 173-195.
- Chartier, Roger. e Vigarello, Georges. "Les Trajectoires du sport. Pratiques et Spectacle", *Le Débat*, 1982, pp. 35-58.
- Daumas Maurice. *Histoire de la science*, Paris, Gallimard, 1957.
- Ehrenberg, Alain. *Le Culte de la performance*, Paris, Calmann-Lévy, 1991.
- Sant'Anna, Denise Bernuzzi. (org.) *Políticas do corpo*. São Paulo, Estação Liberdade, 1995.
- Shipley, Stan. "Tom Causier of Bermonsey: a Boxer Hero of the 1890's", *History Workshop*, 1983, 15, pp. 28-59.
- Soares, Carmem. *Imagens da educação no corpo*. Campinas, Autores Associados, 1998.
- Vigarello, Georges. "La technique sportive: reflets changeants" in *Autrement*, n°4, Paris, ed. Autrement, abril 1992, pp.33-39.